O jornalismo que venceu a ditadura

Livro recupera reportagem sobre sequestro coordenado pela Operação Condor

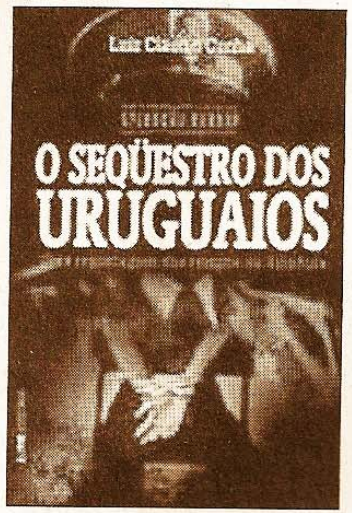
Operação Condor — O sequestro dos uruguaios. Uma reportagem dos tempos da ditadura, *de Luiz Cláudio Cunha. L&PM Editores, 463 páginas. R$ 49*

Paulo Cezar Guimarães

Em novembro de 1978, em Porto Alegre, dois jornalistas descobriram algo que não deveriam ter descoberto — ou, mais exatamente, descobriram algo que não estava previsto que descobrissem: o sequestro dos militantes de esquerda uruguaios Lílian Celiberti de Casariego e Universindo Rodríguez Díaz, e de seus filhos Camilo e Francesca. A partir daí, o repórter Luiz Cláudio Cunha e o fotógrafo J. B. Scalco fizeram o que fazem os melhores profissionais deste ofício: foram saber o que, precisamente, estava acontecendo, quem estava envolvido, onde começava o fio da meada, como ele se desenrolava e por que aquilo tudo tinha acontecido.

O resultado foi uma empolgante sequência de reportagens publicada na revista "Veja". O texto de José Roberto Guzzo, um dos autores dos dois prefácios de "Operação Condor — O sequestro dos uruguaios: uma reportagem dos tempos da ditadura", misturado com os diálogos das primeiras 400 e tantas páginas do livro, já deixa claro que o leitor vai ler sobre uma grande reportagem nesses tempos de poucas reportagens.

No outro prefácio, Juca Kfouri avisa que o leitor lerá "uma obra-prima" e uma lembrança de um tempo que faz parte do "lixo da humanidade". "Os personagens são um casal de uruguaios adultos, um casal de crianças uruguaias, uma dupla de policiais brasileiros, um sem-número de políticos e militares covardemente cúmplices de um enredo que não se sustentava em pé", resume.



A história do sequestro de Lílian Celiberti e Universindo Díaz se estendeu durante 86 edições de "Veja". Começou com uma pergunta feita em novembro de 1978, após o relato pioneiro do encontro de dois repórteres com homens armados no apartamento da rua Botafogo, em Porto Alegre, uma semana antes: "Onde estarão?". Terminou no reconhecimento da edição de 30 de julho de 1980, que trazia a corajosa decisão do juiz Moacir Danilo Rodrigues condenando pela primeira vez no país agentes do intocável mecanismo de repressão armado pela ditadura de 1964: "Verdade resgatada".

A reportagem ganhou os principais prêmios de Jornalismo do país em 1979: Esso, Vladimir Herzog, Telesp e Abril. "É da época pré-digital, em que os jornalistas não dispunham de celular, computador, correio eletrônico, laptop, internet, Google, Wikipédia...", lembra o autor do livro. Grampo telefônico, tão comum nos dias de hoje, era uma "façanha tecnológica" de alcance exclusivo da repressão. Não existiam câmeras ocultas. Dois dos três fotógrafos decisivos na investigação e apuração da matéria (J. B. Scalco, Olívio Lamas e Ricardo Chaves, o Kadão) não deram um só clique em suas máquinas.

A Operação Condor é considerada a mais articulada e mais ampla manifestação de terrorismo de Estado na história mundial. Seis países participaram dela: Chile, Argentina, Paraguai, Bolívia, Uruguai e Brasil. O condor é uma ave que se alimenta de carne podre e que tem olho e faro para cadáveres. Há divergências sobre o número de vítimas da Condor no Cone Sul, mas uma das contabilidades mais precisas estima que o número de mortos e desaparecidos chegaria a 13.960 pessoas. Graças a dois jornalistas que viram algo que não deveriam ter visto e que fizeram o que fazem os melhores profissionais deste ofício, Lílian e Universindo não estão entre elas. Eles foram encontrados no Uruguai, em poder das Forças Armadas, e lá julgados e absolvidos. ■

PAULO CEZAR GUIMARÃES *é jornalista e professor da FACHA*